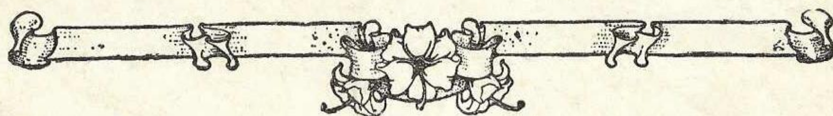
Bem-Te-Vi

ANO XVIII NUM. 2



Fevereiro de 1940

QUAL O MAIS FORTE?



Um dia o snr. Fogo, muito implicante dirigiu-se ao rio. Dona Água estava bem quieta mas o snr. Fogo quís provocar briga.

— O fogo é mais útil que a água, muito mais! começou êle. Liquida com o frio invernal. Cozinha a comida em todo o mundo. Esquenta as fornalhas que derretem o ferro que se transforma em máquinas e caldeiras. Vês aquele trem passando sôbre tua ponte? Não fôsse eu e êle não se movia!

— Tó-Carocha! gritou d. Água. Produzes calor, é verdade. Mas, o vapor é que realmente puxa as máquinas! Sem mim, seria isso possível? E como cozinhar o alimento sem meu auxílio? Com que se lavaria a roupa? E a louça? Estou a serviço da humanidade muito antes de ti!

— Concordo, d. Água, que és de grande utilidade e que tiras a sujeira e evitas as doenças. Contribues para o crescimento das plantas. Matas a sêde dos homens e animais. Todavia, sou mais forte, d. Água, pois até já tenho destruido cidades!

— Também eu, mas disso não me orgulho, pois prefiro ser pacífica embora, às vezes, precise trazer tempestades. Outras vezes faço enchentes, mas no meu natural, sou amiga dos peixes e animais marinhos, sou uma fonte de renda para o homem, um benefício às florestas e fazendas, e sirvo aínda para a navegação. Não te gabes de teu poder, snr. Fogo. Já houve ocasiões em que te conquistei.

— Mas hoje não o farás mais! replicou o Fogo. Tenciono neste momento queimar esta floresta tôda. Visto não ser tempo de enchentes, não poderás arredar pé de teu leito. Terás de te contentar em apenas contemplar as labaredas sem fim. Poderás tão sómente impedir que me lance do outro lado; mas, mesmo assim poderei passar pela ponte. Quero provar que sou mais forte.

Assim dizendo, o snr. Fogo correu à colina, atiçando fogo ao capim sêco e em pouco tempo as árvores se retorciam sob a sua fôrça destruidora. O snr. Vento veio em seu auxílio, tornando o quadro desolador. D. Água fez o que pôde; abriu os braços para receber os animais que apavorados fugiam da floresta, indo refugiar-se na margem oposta, uns nadando e outros passando pela ponte. O snr. Fogo perseguiu-os até na ponte, mas esta, aos poucos, foi derrubando nagua os pedaços em brasa, impedindo que o snr. Fogo fôsse além. E assim d. Água ganhou 1 ponto contra êle.

Quando se perdia a esperança, d. Água sentiu grossos pingos de d. Chuva. Erguendo os olhos, viu que fôrças vinham em seu socorro. Dispostas vinham, parecendo uma tropa embandeirada e, ao atroar do canhão do snr. Trovão, o snr. Fogo caiu por terra.

Entretanto, como atestado da fôrça dos snrs. Vento e Fogo, lá estavam as árvores enegrecidas e já sem vida.

D. Água sabia, porém, que com o tempo novas plantas brotariam dalí. Os animais voltariam atravessando a ponte consertada; os pássaros reconstruiriam seus ninhos e tudo seria novo e cheio de vida. E o melhor é que tão cedo o snr. Fogo não voltaria importuná-los.

Tudo ficou calmo e bonançoso. D. Água procurou ver a cara do snr. Fogo, mas não o encontrou.

— Bem diz o ditado: *Ri melhor quem ri por último*. Deixa-me rir agora, disse d. Água.

Mas o snr. Fogo já tinha desaparecido por completo, pois d. Chuva só o deixou quando não mais restava nada dêle.

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 2

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce | Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155 Oficinas: Rua da Liberdade, 659 | Assinatura anual 10$000 Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho • São Paulo, Fevereiro de 1940 • Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

ADEUS FÉRIAS!

Lá vão os dois. Para onde? Ah! Eu sei que vocês sabem e querem dizer: *Vão indo para a escola!*

Vocês também não vão?

Alegres, carregando os livros e os lapis, bem arranjadinhos, marcham contentes.

Antes de entrarem em férias, no último dia de aulas, cantaram "Despedida colegial" que o Bem-te-vi publicou em novembro. Lá diz:

A' nossa escola regressaremos
Quando o trabalho recomeçar."

Descansaram bastante nas férias e agora voltam em busca de mais saber e encontram a professora, talvez nova para os alunos, de rosto alegre, esperando as crianças que diàriamente vão passar três ou quatro horas sob seus cuidados.

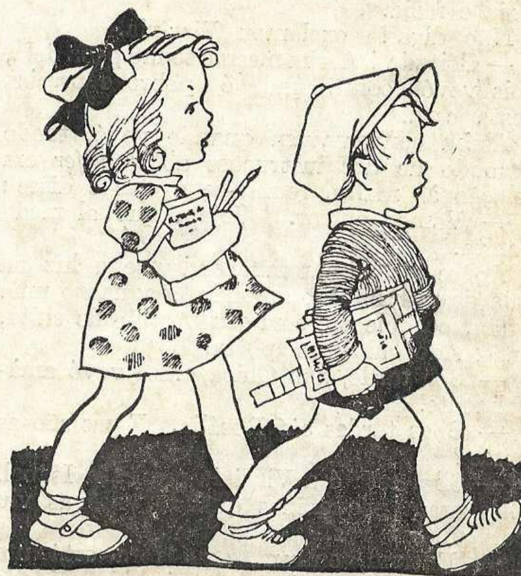
Que convívio agrádavel êste, quando a professora e os alunos se querem mutuamente!

Eu sei que todos vocês, no primeiro dia de aulas vão com a cabecinha e o coração cheios de bons propósitos para o novo ano. Geralmente ouve-se esta conversa entre os colegas:

"Êste ano vou ser bem aplicado para passar com boa nota". "Êste ano vou ser bem obediente e andar só com os colegas de bom comportamento, para agradar papai e mamãe". "Ah! Êste ano vou estudar bastante, pois quasi fui reprovado!"

E vale a pena, é bom mesmo fazer planos, para o ano escolar. Uma coisa, porém, quero dizer-lhes: Apliquem-se bem ao estudo desde o *primeiro* dia de aulas, sejam bons colegas, leais e camaradas; sejam por igual modo, bons alunos, obedientes, atenciosos, solícitos em preparar as lições e verão no fim do ano como é bom entrar em férias, tendo a conciência de que fizeram o melhor possível e aproveitaram bem o tempo que nunca mais há-de voltar.

"Esforça-te, tem bom ânimo e Eu serei contigo" é a promessa de Jesus.



Isso é que ninguém esperava!

As duas tagarelas não perdiam nada; à medida que o taxi corria, olhavam dum lado e doutro e faziam planos e mais planos. Elas e a vovó iam visitar Joana, sua tia, irmã da vovó.

O dia estava chuvoso. Quando o taxi parou diante do portão da enorme casa escondida entre os ciprestes, Virgínia disse:

— Êste lugar parece assombrado, vovó.

— Ora, ora, respondeu vovó, rindo, nada disso! Quando eu era menina, brincava por aquí tudo, tôdas as vezes que vinha visitar meu tio Luiz e me divertia muito. E aposto que vocês também vão gostar tanto que nem quererão voltar.

— Não sei não. Tenho a impressão de ser assombrado. Ah! Por isso é que tia Joana mora noutra cidade.

— Não é não. Ouvi outro dia vovó contar ao papai que, há muitos anos, tia Joana brigou com o irmão e deixou a casa indo morar em Campinas. Eram só os dois. Êle, de raiva, ao fazer o testamento, legou a casa para um sanatório. Mais tarde, porém, arrependeu-se e fez novo testamento deixando a casa para ela. Mas êle morreu de repente e não há meios de se encontrar o segundo inventário.

— E como ela soube disso?

— Êle lhe escreveu contando, mas como não o encontra, ela veio aquí para tirar tudo e entregar a casa. Por isso é que vovó veio, foi para ajudá-la.

— Tomára que tia Joana fique gostando de nós, disse Virgínia.

— Ficava! Você não a conhece! E' brava que nem cobra! disse Isabel, a irmã mais velha. Você não se lembra — mas eu não posso esquecer-me duma vez em que ela nos foi visitar e se implicava com tudo o que eu dizia e fazia.

Não diga! exclamou Virgínia.

— Coitada! Assim mesmo tenho pena dela, pois vovó conta que é pobre e precisa desta casa.

Assim conversavam quando vovó, tendo acabado de dar instruções ao *chauffer* em relação às malas, reuniu-se a elas e disse:

— Vamos entrar. Vejam que alameda bonita.

Ao se aproximarem acendeu-se a luz na sala de visitas e no alpendre, enquanto uma preta, corpulenta, com seu vestido de chita, engomado, abria a porta.

— Boa tarde, *nha* Chica, disse vovó amàvelmente.

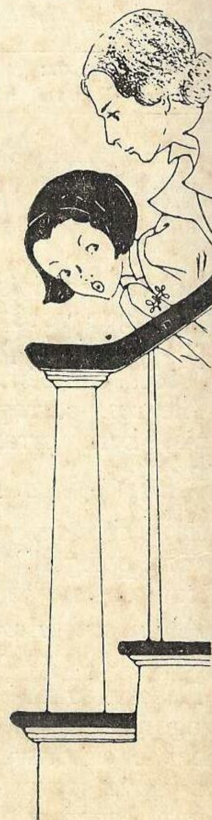
— Boas tardes *siá* Rosália. Essas são as netas?

— Sim, esta é a Virgínia e esta, a Isabel. Elas eram pequeninas quando você as viu pela última vez.

— Entrem, entrem, aquí fora está um ventinho frio. *Siá* Joana precisou ir à cidade hoje cedo e só volta amanhã, mas deixou dito que ficassem à vontade.

As crianças sentaram-se perto do fogão. Nenhuma delas tinha pressa em se encontrar com tia Joana. Sentiam bem, perto do fogo, enquanto ouviam a velha criada explicar a ausência da patroa e indicar onde seria seu quarto.

Vovó iria dormir no segundo andar e elas, no primeiro, perto da biblioteca onde, em tempos passados havia sido um asilo de crianças razão pela qual ainda alí se viam prateleiras com alguns brinquedos velhos.



As meninas gostaram do quarto.

Enquanto abriam as maletas para tirar camisola, escova, etc. faziam suas observações:

— Veja, Isabel, que camas antiquadas! São do nosso tamanho certinho!

— Você até parece tonta, Virgínia. Imagine se tia Joana nos ouvisse falar que são coisas velhas! Ai de nós!

Nha Chica que lhes vinha trazer uma toalha, ouviu a conversa e entrando no quarto disse:

— Umh! Umh! sinhàzinhas, *Siá* Joana late mais do que morde. Para provar vou contar-lhes um segrêdo, disse a preta confidencialmente. A patroa tem dois braceletes de ouro para dar às meninas si se portarem bem. Hoje de manhã ela me mostrou. E com pedra de brilhante, de verdade!

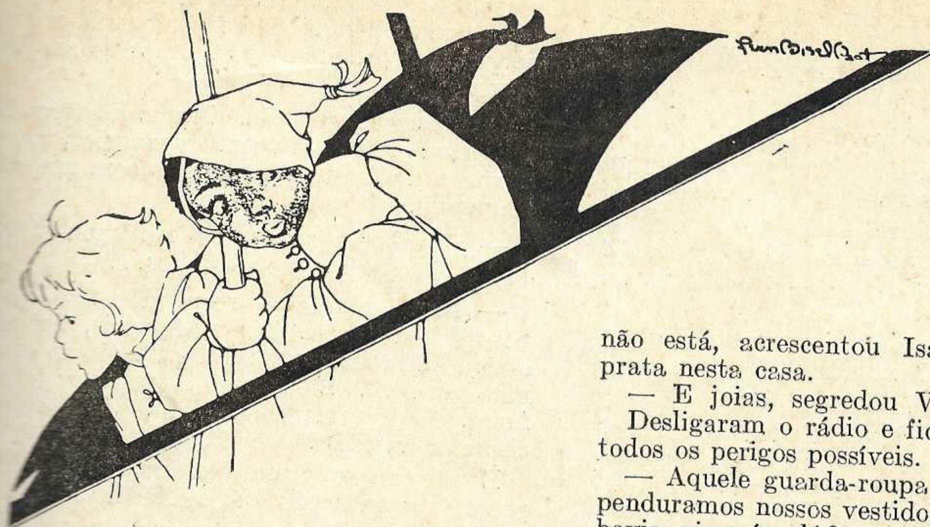
E *nha* Chica, alegre como se fôsse ela quem ia receber o presente, ria satisfeita, mostrando seus dentes alvos, verdadeiras pérolas.

— E' mesmo, *nha* Chica? exclamou Virgínia — Oh! Vou ser um anjo!

— Eu também, confirmou Isabel. Sempre quís ter uma pulseira e tomára que eu ganhe!

— Pois sejam bem boazinhas e vão ver, disse a preta correndo olhar à panela no fogo.

As meninas trocaram de roupa e foram esperar o jantar, pois o cheiro agradável que vinha da cozinha ajuntava-lhes água na bôca. Depois, sentaram-se à mesa, muito



bem posta, e comeram com gôsto. Já nem se lembravam de que a casa lhes parecera assombrada.

— Estou com vontade de ir para cama, disse vovó, indo para a sala de estar.

— Até eu estou cansada, disse *nha* Chica.

— Eu não tenho um pingo de sono, atalhou Virgínia.

— Nem eu, replicou Isabel.

— Quem sabe sinhàzinhas querem ler ou ouvir rádio ; êle está pertinho de sua cama e os livros, naquela estante.

— Não sabia ! disse Isabel. Vamos ver.

O quarto estava quentinho e agradável. Virgínia ligou o rádio e uma música doce, encheu o quarto. Isabel trouxe dois livros para lerem debaixo das cobertas enquanto o rádio tocava.

Vovó subiu ao seu quarto e logo depois as meninas ouviram o barulho de *nha* Chica apagar a luz e subir as escadas, depois de lhes haver dado um cordial *Boa-noite*.

A casa mergulhou-se num silêncio profundo. A chuva recomeçara. Grossos pingos caiam batendo nas vidraças. O vento, passando pelos ciprestes, assobiava tristemente.

— Gente, que silêncio ! cochichou Isabel.

— Será que *nha* Chica trancou bem a porta? perguntou a outra.

— Com certeza. Não há nada para se temer.

— Eu sei. Só que estamos sòzinhas aquí em baixo e esta casa *é* assombrada.

Isabel não respondeu. Prestava atenção aos últimos sons da música, tão em surdina. A música cessou e ouviu-se a voz de homem :

— Avisamos os motoristas que cuidem dos carros porque nas vizinhanças da estrada que vai para Ribeirão Preto anda um grupo de bandidos.

— Isabel, a estrada, que vai para R. Preto não é esta? E' sim.

— Talvez o bandido saiba que tia Joana não está, acrescentou Isabel, e há muita prata nesta casa.

— E joias, segredou Virgínia.

Desligaram o rádio e ficaram imaginando todos os perigos possíveis.

— Aquele guarda-roupa enorme onde dependuramos nossos vestidos, você viu se não havia ninguém lá? perguntou Virgínia.

A irmã até achou graça.

— Ora, Virgínia, não seja boba. Lá não há ninguém.

— Eu também acho que não, disse Virgínia, um tanto envergonhada. Mas, seja como for, é melhor apagarmos a luz.

Assim fizeram e cobriram-se bem. O vento agora soprava mais forte e gemia por entre as árvores. A chuva caia pesada ; não obstante o mêdo que se lhes apossara, iam pegando no sono, quando Isabel sente o braço da irmã puxando o seu.

Como que a grande distância ouvem o relógio dar dez pancadas.

— Que é? perguntou meio dormindo.

— Psiu ! falou Virgínia muito baixinho. E' gente na porta.

Isabel arregalou os olhos e sentou-se para escutar. Era mesmo. Alguém *estava* à porta. Ouviam distintamente o fantasma mexer na porta da frente.

— Que havemos de fazer? cochichou Isabel.

— Eu é que não sei, disse a menor.

— Já sei. Vamos abrir a porta do guarda-roupa e esconder-nos atrás de *nossa* porta ; quando êle entrar aquí, nós duas lhe damos um empurrão para dentro do guarda-roupa e o trancamos lá.

— Isso mesmo ! O'timo !

Revestindo-se de coragem, pularam da cama e prepararam-se ; nem respiravam. Daí a pouco ouviram a porta da frente abrir-se e passos no *hall*. Ouviam-no andar aquí e alí como que indeciso.

— Vem vindo aquí ! falou Virgínia num cochicho sumido.

Nem bem acabou de falar, uma figura alta apareceu. Viam-na apenas pela fenda da porta, mas distinguiram perfeitamente um lenço na cabeça e pescoço.

Agora estava bem ao seu lado... pertinho... agora, bem em frente ao guarda-roupa.

— Vá, gritou Isabel, e as duas juntas deram-lhe tamanho empurrão que a figura, sendo tomada de surprese foi de ponta-cabeça parar dentro do guarda-roupa. Isabel fechou

a porta num abrir e fechar de olhos e Virgínia trancou-a, enquanto o bandido furiosamente dava gritos, murros e pontapés.

— E agora?

— Vamos chamar vovó.

Subiram as escadas às carreiras e voltaram pouco depois, acompanhadas da vovó e de *nha* Chica, trazendo um bordão.

— Imaginem, um ladrão! E pobre de *siá* Joana bem hoje fora de casa! monologava a preta.

Vovó aproximou-se corajosamente do guarda-roupa e disse bem alto:

— Quem é você? Vamos, diga.

— *Quem é você?* gritou de dentro, furiosa, uma voz de mulher. Quem é você queria eu saber. Prender-me num guarda-roupa em minha própria casa! Onde já se viu, iso?

— Barbaridade! Será possível? E' a tia Joana! disse vovó.

Virgínia e Isabel sentaram-se, sem fôrças, olhando uma para outra, sem saber o que dizer. Acabaram de perder, por completo, tôda a esperança de ganhar o bracelete.

Nha Chica abriu a porta e tia Joana, vermelha e brava como uma fera, saiu de sua prisão.

Só agora é que as meninas viram nela o lenço vermelho que haviam tomado por máscara.

— Que pena! murmurou Isabel.

— Quem é que fez isto, indagou a tia secamente.

— Nós... fomos nós. Pensavamos que fôsse um ladrão.

— *Siá* Joana , a senhora não disse que vinha amanhã? perguntou *nha* Chica tìmidamente.

— Sim, mas mudei meus planos. O'tima recepção! disse, olhando firmemente para as meninas. Onde está meu guarda-chuva, perguntou, virando-se para olhar no guarda-roupa.

Mas parou assustada. Numa das paredes do guarda-roupa viu uma pequenina porta aberta e dentro uma prateleira com um rôlo de papeis.

— Um lugar secreto! exclamou vovó. Joana, não acha que pode ser...

— Ah! se fôsse! respondeu tia Joana noutro tom de voz. Tirou os papeis, abriu-os e com ânsia indizível levou-os mais no claro para ver bem. Êle mesmo! exclamou triunfante. O testamento perdido! Já não preciso sair da casa!

E as crianças viram, para sua grande surpresa, lágrimas nos olhos de tia Joana.

Decorreram horas antes que novamente todos se achassem deitados.

O dia amanheceu limpo e claro. A natureza parecia sorrir e espalhar felicidade.

A's sete horas mais ou menos entrou *nha* Chica no quarto com duas bandejas e, colocando-as ao lado da cama das meninas, disse:

— *Siá* Joana mandou dizer que hoje vocês podem tomar café na cama como gente grande.

— Que é isto? perguntou Virgínia, abrindo uma caixinha, forrada de veludo, que encontrara em sua bandeja.

— Eu também ganhei! exclamou Isabel.

Sem dúvida, eram os braceletes que tia Joana mandava às sobrinhas corajosas que tão bem cuidaram da sua casa.

— Então vamos lá dar-lhe um beijo e dizer-lhe "muito-obrigada", lembrou Isabel.

— Eu não disse, falou *nha* Chica rindo, que ela mais late do que morde?





QUE FARIAS TU?



Um dia, há muitos séculos, os habitantes de Calais, na costa da França, olhando pelas muralhas da cidade, viram-se cercados por soldados ingleses cujo rei era Eduardo III. O exército rodeava a cidade, separando-a do resto da França. As portas e estradas estavam bloqueadas. Não podiam escapar nem receber auxílio ou comunicação, que não fôsse por mar.

— Ah! exclamaram êles. Êste rei guerreiro ainda não se satisfez com a vitória de Crecy? Pois terá de tomar êste porto antes de se considerar senhor de nossa rica terra. Pois bem! Nossos muros são fortes. Mostrar-lhe-emos como se brinca de péga-péga.

Os franceses orgulhavam-se de sua próspera cidade, a porta da França, e entregá-la-iam com a própria vida.

Prepararam-se pois, chefiados pelo governador, para se defenderem contra Eduardo. O cêrco seria longo, pois o rei inglês mandou construir casas de madeira para confortàvelmente ficarem à espera da rendição.

Enquanto a entrada por mar ainda era livre, cuidaram de acumular provisões: também acharam prudente que saíssem os velhos e fracos, pois, êstes não suportariam a fome que iria reinar; felizmente foi-lhes permitida a passagem pelo campo inimigo a outras cidades. O cêrco continuou, mês após mês. Eduardo já se impacientava com a demora que lhe custava caro.

Os habitantes notaram com tristeza que os víveres diminuiam dia a dia. A fome e a morte ameaçavam-nos. Clamaram ao seu rei.

"A última migalha foi comida", escreveu o governador da cidade a Filipe, rei da França. "Estamos a morrer de fome. Se não vierdes logo a socorrer-nos, ouvireis brevemente que esta cidade está perdida e com ela, seus habitantes".

Depois, de muitos dias sombrios, viram surgir o exército francês, bandeiras desfraldadas, tambores e cornetas soando. Entretanto, vieram apenas para conferenciar e marcharam de volta sem desferir um golpe sequer em defesa de Calais. Passaram-se onze infindáveis meses de cêrco. Já não resistiam à fome. Tinham de se entregar ou morrer. Pediram ao governador que indagasse sôbre os termos aceitáveis. Êle, trepando na muralha, agitou a bandeira branca, a bandeira de paz.

Eduardo, ao avistá-la de seu confortável acampamento, enviou dois de seus valorosos cavaleiros, nos quais depositava tôda a confiança, para receber a mensagem.

— Quer dizer que estão dispostos a entregar a cidade? perguntaram êles.

— Sim, desde que nosso rei nos abandona, não podemos resistir por mais tempo, pois estamos morrendo de fome. Rendemo-nos, porque a isso somos obrigados, com tôda a riqueza que há na cidade, se tão sòmente o rei Eduardo nos poupar as vidas.

— Nosso rei não está de bom humor para aceitar tal proposta, replicaram os cavaleiros, que bem conheciam o gênio de Eduardo III. Êle já está grandemente

irado com vossa resistência que o força a grandes despesas. Não espereis, pois, misericórdia de sua parte, é o que vos podemos adiantar.

— Tristes novas, disse o governador. Enfim, fizemos o que qualquer um faria em nosso lugar — defendemos nossa casa. Dizei a vosso rei que nunca fomos seus inimigos e lhe imploramos misericórdia.

Os cavaleiros tornaram ao acampamento com a mensagem.

Como previam, o rei não se apiedou, antes gritou furiosamente:

— Não concederei nenhum termo de paz àqueles velhacos. Que se entreguem sem condição alguma.

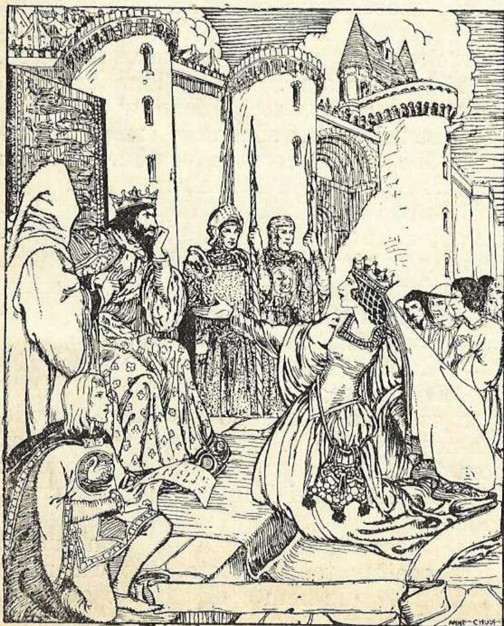
— Magestade! E' um povo valoroso! rogaram os cavaleiros.

— Valoroso! exclamou o rei colérico. Pois bem, que seis dêles me entreguem a vida e os outros serão poupados. Dizei-lhes que êsses seis terão de marchar pela cidade, descalços, com cordas ao pescoço, trazendo-me as chaves da cidade e entregar-se inteiramente a mim. Sòmente assim terão os outros minha mercê.

Quando o governador recebeu esta mensagem, caiu em profunda tristeza. "Deus nos ajude", disse êle.

— E' uma questão que não posso decidir sòzinho. Preciso consultar com meu povo que está a perecer. Peço que me deis prazo para isto.

Sem perda de tempo dirigiu-se ao largo do mercado, ordenou que se tocassem os sinos para se reunirem todos, pois transmitir-lhes-ia as palavras do rei. Pouco depois viam-se reunidos homens e mulheres, todos muito pálidos. Esperaram em



completa mudez, depois de ouvidas as sinistras palavras. O silêncio era cortado de quando em quando pelos soluços dessa pobre gente.

Eustace de S. Pedro, o negociante mais rico de Calais, foi o primeiro a falar.

— Companheiros, que tão corajosamente suportastes o cêrco, acho não ser direito tantos perecerem, quando de uns poucos depende a salvação: **"Maior amor não tem o homem, que dar sua vida por seus amigos"**, disse nosso Senhor. Estou pronto a dar prova disto.

Suas palavras trouxeram um ráio de esperança àqueles corações quebrantados. Rodearam-no para apresentar-lhe sua gratidão e suplicar que Deus o abençoasse. Aínda falavam e eis que se levanta João Daise e toma o lugar ao lado de Eustace de S. Pedro, dizendo:

— Farei companhia a meu amigo.

— Eu também, disse James Wisant, outro negociante ricaço.

—Também eu, ajuntou Pedro, seu irmão.

Mais um, alma grande e nobre, se apresentou.

A lista estava completa. Os seis mais corajosos homens de Calais prepararam-se de acôrdo com as ordens do rei. Com cordas ao pescoço, cabeças descobertas e pés descalços, marcharam vagarosamente pela cidade que tanto amavam e tanto defenderam. O governador, extremamente abatido, acompanhou-os até ao portão onde esperavam os dois cavaleiros.

— Entrego-vos, disse êle, com as chaves de nossa cidade, êstes seis cidadãos que estão prontos a dar suas vidas em resgate de muitos. São homens de destaque e merecedores da compaixão do rei. Intercedei por êles.

— Sem dúvida, responderam êles, sensibilizados pela bravura dêstes homens.

Chegados à presença do rei os seis cidadãos de Calais, inclinaram-se respeitosamente e apresentaram-lhe as chaves, dizendo:

— O' rei, grande e sábio! Entregamo-nos de acôrdo com o trato feito de serem os nossos queridos poupados. Fazei de nós o que vos aprouver.

Foi um momento que tocou no coração de todos. O rei, no entanto, franzindo a testa, procurou o carrasco. Soldados rudes deixaram cair lágrimas. Cavaleiros, cujo dever era amparar e proteger os fracos, não podiam suportar aquilo em silêncio. Um dêles, corajosamente exclamou:

— Grande rei! Até aquí sois conhecido pela vossa sabedoria e fôrça. Entretanto assim não mais será, se não fordes benevolente para com êstes homens valorosos. Se tirardes suas vidas, vosso nome apare-

será na história como um vil tirano. Não deixes que vosso nome fique manchado.

— Mandai vir o algoz, ordenou êle, indiferente às palavras proferidas.

Entretanto, sua mulher, a rainha Filipa, que com êle estivera no campo, chorou amargamente ao ouvir suas palavras. Piedosa e cheia de misericórdia, atirou-se aos pés do rei, seu marido, implorando:

— Senhor! Uma vez me fizestes a promessa de um favor quando vos pedisse. Até hoje nenhum pedido vos fiz. Mas agora, humildemente vos suplico pelo amor que me devotais e pela palavra que me destes, poupai êstes valorosos homens!

O rei lançou-lhe um olhar frio, contrariado. Era o único favor que não lhe desejaria conceder. Outra coisa qualquer e êle com prazer lhe atenderia. Seu orgulho e seu amor pela raínha debatiam-se.

Finalmente, respondeu:

— Graciosa Senhora, melhor fôra que não estivesseis aquí desta vez. Mas assim foi e não posso recusar-vos. Tirai êstes homens de minha face; fazei com êles o que quiserdes.

Assim os seis homens que se deram para salvar a vida de seus companheiros, foram salvos pela bondosa rainha.



O CAVALO ROUBADO

Um lavrador possuia um cavalo de estimação. Sendo-lhe roubado certa noite, viu-se obrigado a ir comprar outro num mercado a algumas léguas distante.

Qual não foi sua surpresa ao descobrir o cavalo na feira entre muitos outros!

Pegou imediatamente no freio e exclamou:

— Êste cavalo é meu, foi-me roubado há tres noites. O que vendia o animal, respondeu-lhe com bons modos:

— O senhor está enganado, tenho êste cavalo há mais de um ano.

— Não é seu, embora pareça.

Repentinamente o camponês tapou com as mãos os olhos do cavalho e disse:

— Diga-me então, de qual dos olhos êle é cego?

O sujeito que o roubara, viu-se embaraçado, pois nisso não havia reparado, e respondeu-lhe a toa.

— Do esquerdo.

— Pois é o senhor que está enganado, êle não é cego do olho esquerdo.

— Estava brincando, disse o homem, é do olho direito.

O lavrador, destapando os olhos do animal, disse:

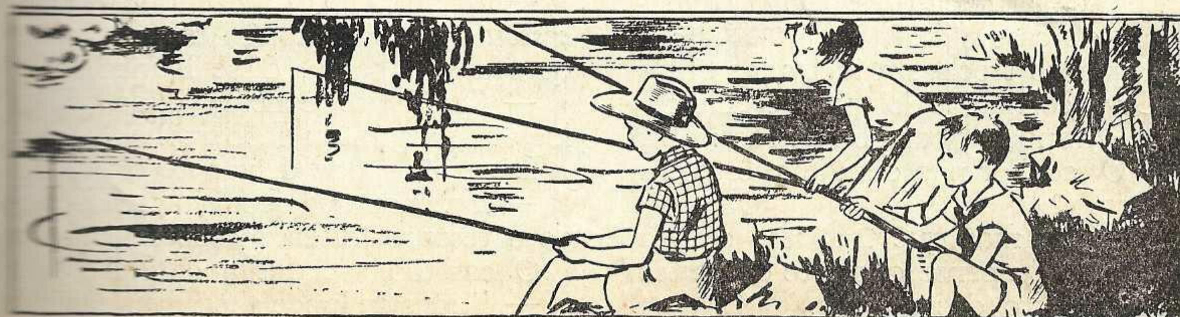
— Está provado que o senhor é ladrão e mentiroso. Vejam todos: — o cavalo não é cego de nenhum dos olhos. Fiz-lhe esta pergunta para descobrir a verdade.

Todos riram, bateram palmas e gritaram:

— Está apanhado! Está apanhado! Caiu no laço! Não pode negar!

O ladrão assim descoberto foi obrigado a entregar o cavalo ao dono, recebendo depois o castigo merecido.

"Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo".



O Mistério do Velho Forte

Diva e Durval estão passando as férias em Santos onde encontram o menino Eurico e seu tio, o capitão Alves. Seu outro amigo é Roberto que lhes consta uma interessante história dum tesouro escondido no Forte. Roberto e seu pai já estiveram de viagem ao Forte com o fim de explorá-lo, mas um naufrágio os separa ; o filho foi salvo por um saltimbanco, nada vindo a saber de seu pai, que dera por morto; de seu tio Carlos, único parente vivo, também nada mais soubera. O capitão Alves acompanha as crianças ao interior do Forte, pois diziam ter ouvido num quarto um barulho misterioso. Para sua grande surpresa descobrem lá o tio Carlos, que também procurava a fortuna escondida. Roberto sente-se radiante de alegria ao ouvir do tio a boa nova de que seu querido pai aínda vivia ; canta então a canção ‘ *Um navio mestre*” que costumava entoar com o pai e cujos dizeres se relacionavam com o tesouro. Diva acha que as palavras do canto são a chave para se desvendar o mistério.

O capitão continuava olhando para Diva.

— Ora, pois o rapaz pode estar certo, exclamou. Como você concluiu isso ?

Diva sorriu.

— Eu mesma não sei bem. Mas Roberto disse que o velho marinheiro recomendou a seu pai não se esquecer do canto. E' porque deve ter alguma coisa com êle.

— Isso mesmo ! disse Durval pensativo. Que poderá ser ?

Eurico olhou para Roberto :

— Vamos, Roberto, conte-nos novamente a históriá, de fio a pavio. Talvez esclareça.

— Não há muito para contar. O velho marinheiro era amigo de papai. Ao sentir que ia morrer revelou o segrêdo de que havia aquí um tesouro escondido e entregou-lhe um mapa. E, quando papai e eu vinhamos à sua procura, a tempestade naufragou nosso navio. Ficamos separados e o mapa, perdido. Isso tudo, porém, vocês já sabiam.

— Foi o marinheiro mesmo que escondeu o tesouro aquí ? perguntou Diva.

— Não sei. Ele disse que fôra deixado neste Forte por alguns homens naufragados depois de uma tempestade muito forte. Talvez o marinheiro tenha sido um dêles. Mas seja como for, era êle a única pessoa viva conhecedora do caso.

Enquanto trocavam idéias, os olhos de Diva corriam pelo quarto. De repente virando-se para o capitão :

— O senhor não disse que êste era o quarto ?

— Disse, mas que tem isso com a história ? Eu penso que êste devia ter sido o quarto dos oficiais.



— Então, tudo vai dando certo. E eu penso que o tesouro está aquí mesmo.

Enquanto as perguntas curiosas se sucediam, Diva correu a olhar as figuras que haviam visto na parede do outro quarto.

— Não se lembram ? perguntou.

Durval, indicando os rabiscos.

— Você acha, Diva, que estas são as velas ?

— Justamente ! respondeu a menina convicta. Vá dizendo as palavras do canto e vamos ver se descobrimos.

Durval começou a repeti-las, em voz alta, no que foi ajudado pelos outros.

— A outra parte diz que *quando cessou o vento* o capitão esteve em seu quarto, em baixo, disse Eurico.

— Que você conclue disso, Sherlock ? perguntou Roberto.

Diva não pôde deixar de rir.

— Entendo que depois da tempestade o tesouro foi escondido no quarto.

O capitão sacudiu a cabeça

— “Sons de longe chegaram a mim”

prosseguiu êle. "Mas os marinheiros coisas engraçadas fazem. Pode ser assim."

— E o resto das palavras, você sabe? perguntou Durval.

"Embarcarei no trem da manhã e atravessarei o mar bravo. Irei ao meu amor com uma caixa..." assim dizia Roberto.

— Um minuto! interrompeu Diva. Vejam as figuras. Aqui está um navio de ponta-cabeça — e isso só pode significar um naufrágio!

— E que você pensa representar esta fileira de quadrados, parecidos com casas, mas só o último tendo chaminé?

— E' o trem da manhã a que êle se refere! exclamou Diva triunfante.

— Ora, gritou Roberto, pois isso que parecia u'a mãozinha, deve ser uma luva!

— E o dedão da luva aponta para baixo. Deve ser onde...

— Dêem-me a machadinha! bradou o capitão. Embora não o acredite vou cavar para ver!

— Pronto, ei-la! disse Eurico que se apressou em pegá-la.

— Mas, que vai fazer? Cavar o muro de pedra?

— Deixe titio Carlos fazê-lo, pediu Roberto. Se de fato estiver aí, gostaria que êle tivesse o prazer de encontrá-lo.

Tio Carlos até alí nada dissera; observava-os com mostras de satisfação, mas sua descrença quanto a encontrar o tesouro com tanta facilidade era bem patente.

Todavia, tanto Diva pediu que êle, pegando a machadinha, começou a cavar o monte de cisco.

Não demorou um minuto e o machado bateu no metal.

— Isso! exclamou Roberto entusiàsticamente. Deve ser êle!

— Eu nem aguento esperar! disse Diva, dando pulos de alegria.

Durval, Eurico e o capitão achegaram-se aos outros. Mais umas machadadas e tio Carlos arrancava uma caixa enegrecida.

— Ora! só niqueis! exclamou Roberto desapontado, à medida que erguiam a tampa, apresentando-se-lhes aos olhos moedas pequenas e escuras.

— *Ouro*, atalhou o capitão, examinando uma delas.

— Ouro? repetiram as crianças em côro.

—Uma fortuna! exclamou tio Carlos,

Havia lágrimas nos olhos de Roberto.

— O' tio Carlos, é nosso de verdade? Quer dizer que nunca mais não vamos ser pobres? Podemos então todos morar juntos — o senhor, eu, papai — e Bopo também?

— Bopo também, naturalmente, concordou o tio, tendo ouvido sôbre o carinho com que o saltimbanco cuidara do menino.

—Vou escrever-lhe assim que arranjar um lapis e papel, exclamou Roberto, não cabendo em si de contente.

— Seu pai e eu estavamos pensando em comprar uma fazendinha, continuou o tio.

Depois, um tanto desapontado por haver esquecido os outros, disse, dirigindo-se a êles:

— Eu acho que vocês todos devem tomar parte nisto.

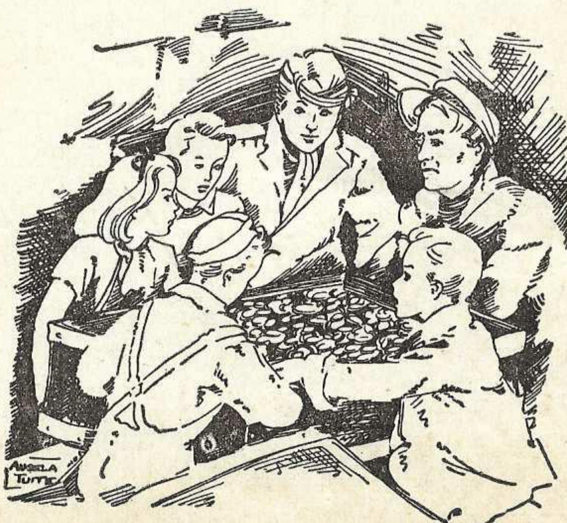
— Oh! não! exclamaram Diva e Durval. Temos tudo que precisamos!

— E nós também! disse o capitão, passando o braço em redor do ombro de Eurico. Queremos apenas permissão para visitá-los quando estiverem na fazenda. A nossa recompensa é saber que os quatro, depois de tantas peripécias, estão alegres e felizes.

Os outros concordaram.

— E eu, exclamou Diva satisfeitíssima, posso afinal dizer que *vivi* uma história misteriosa!

FIM



SECÇÃO DOS



★ O Sorris

O sorrisozinho estava perdido.

"Ho-ho-ho !" disse êle, mas ninguém lhe fez companhia. Ninguém o ouviu. Êle estava perdido mesmo; não pertencia a ninguém.

Então saiu à procura de quem o quisesse.

Andou, andou, andou, indo afinal dar com um grupo de quatro pessoas, na estrada, já sem saber o que fazer com um burro empacado que parecia disposto a não arredar pé do lugar por todo aquele dia.

O carrinho alaranjado que puxava, vinha cheio de patos, gansos e galinhas.

Uma senhora vistosa e gorducha, sentada na carrocinha, cotucava o burro teimoso com tôda a fôrça. Na frente, o sitiante, homem resistente e tisnado pelo sol, puxava-o pelas rédeas, firmando-se nos cascos do animal. Ao lado um menino empurrava o varal e uma menina puxava o rabo do burro turrão.

— Vamos ! Eh ! berrava o homem.

— Anda ! Eia ! gritava a mulher. Até quando isto ?

—Levou a breca, exclamou o menino.

— Caramba ! Eta ferro, completava a menina.

— Có-có-có ! Quee, quee, quee ! Cluck, cluck, cluck ! gritavam juntos os gansos, patos e galinhas alarmados.

Que confusão ! O Sorriso Divertido não aguentava mais de vontade de fazer parte daquele grupo enfurecido. Se havia lugar precisando de sua presença, era aquele.

Sem mais esperar o Sorriso pulou no ombro da menina e fez-lhe cócegas no pescoço bem em baixo de seus cachinhos castanhos. Claro está que ela não o podia ver, mas o fato é que a menina começou a rir.

Ouvindo-a, o irmão virou-se para ver o que era. Vendo-a olhar para o burro e rir, êle também começou a rir. O pai e a mãe percebendo-lhes a alegria, pararam de praguejar.

— Isto não é brincadeira ! gritou o pai.

— *Precisamos* chegar ao mercado quanto antes, dizia a mãe, mas êste burro.... *Puf !* O Sorriso Divertido pulou-lhe na orelha e fez uma còceguinha.

— Ha, ha, ha ! gargalhou a mulher.

E tanto ela riu que precisou largar o pau e segurar-se à carroça com ambas as mãos. O marido, a princípio ficou contrariado e nervoso. Todavia, vendo todos rirem, também começou a rir.

Riram tanto que foi preciso sentarem-se no chão para descansar. Até os patos, gansos e galinhas começaram a rir !

— Cluck, — cluck, cluck ! Ho-ho-ho ! Ha-ha-ha ! Quec - quec-quec !

Quanto mais riam, mais engraçado se tornava.

O burro estava espantado ! Mexeu com uma orelha. "Ah ! Então era dêle que estavam rindo ? Como ousavam motejá-lo ? Não pensassem que ficaria alí, servindo-lhes de graça ! Ah ! Isso não !"

E dando um pulo e um avanço decidido, saiu em disparada estrada a fora, sendo preciso o pai e as crianças correrem para alcançá-lo.

— Pois bem, pensou o Sorriso Divertido, êstes já não mais precisam de mim. Com um burrinho como êsse, terão quantas risadas quiserem.

S PEQUENINOS

s Divertido ★

Foi adiante e ao chegar à cidade encontrou duas meninas, correndo de mãos dadas.

— Já está ficando escuro, irmã, disse a menor. Tenho mêdo.

E duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

— Que é isto ? exclamou o Sorriso Divertido. E' aquí então o meu lugar. *Hip, hip*, e lá foi êle pulando no ombro dela.

— Ha-ha-ha, sorriu a menininha. Que sombras *engraçadas !*

A irmã parou surpreendida. O Sorriso Divertido fez-lhe cócegas no nariz.

— Ha-ha-ha, sorriu a mais velha. Veja aquelas sombras, que graça !

E as duas vergavam até o corpo de tanto rir e a sombra delas, fazendo o mesmo, provocava-lhes mais aínda o riso. Assim, rindo, pulando e dansando as duas, de mãos dadas, chegaram a casa num abrir e fechar de olhos.

O Sorriso continuou seu caminho pelas ruas da cidade e chegou a um circo. Havia muita gente para ver os diferentes animais : — cavalos brancos, leões, elefantes e outros bichos. O Sorrisozinho empoleirou logo no mastro, bem no alto donde podia enxergar tudo. O palhaço, no picadeiro, acompanhado de seu cachorrinho, esforçava-se por ser engraçado, mas ninguém achava graça.

Sorriso Divertido teve pena do velho palhaço que, aproximando-se do mastro, deixou escapar duas grossas lágrimas.

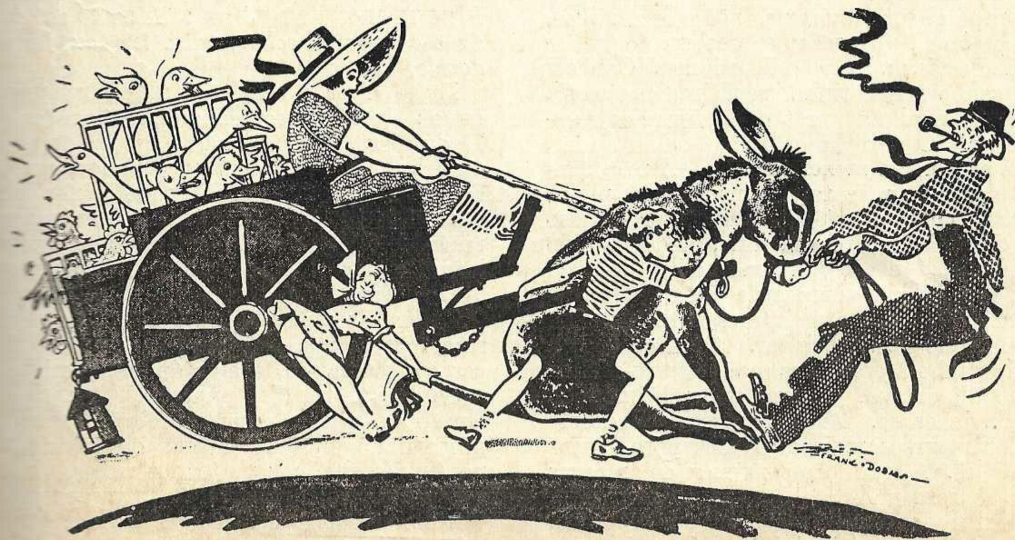
"Oh ! E' aquí meu lugar, vou melhorar a situação" pensou o Sorrisozinho, e, descendo do mastro, pulou no ombro do palhaço onde dansou uma jiga.

— Ha-ha-ha, começou o palhaço, pondo-se logo a dar saltos, reviravoltas e cambalhotas, e sendo logo imitado pelo cachorrinho.

Todos riram, bateram palmas e deram vivas. O velho palhaço ficou tão contente que não podia mais parar de rir.

"Que me aconteceu hoje ? Agora não me esquecerei mais como hei-de rir", dizia o palhaço.

E o Sorriso Divertido saindo dalí já noite alta, deixou-se levar pelo vento, pois acabava de crer que todos têm seu sorriso próprio, faltando apenas pô-lo em ação.





Página dos Pais





COMO OBTER BOA DISCIPLINA

O que ao adulto parece, muitas vezes, ser insignificante é, para as crianças, de suma importância. Não raro é uma peninha ou uma folha que lhes desperta a curiosidade e para o que elas esperam a atenção e o interêsse da mãe, do pai ou de quem está ao seu lado. Esta natural tendência para a observação deve ser incentivada. Certa vez uma criança procurava pegar alguma coisa do chão. A mãe quís descobrir o que era, mas nada viu. Dalí a pouco veiu a menininha satisfeitíssima trazer o que conseguira erguer — um cílio!

Atenção e calma contribuem muito para formar na criança um espírito pacífico. Bom seria se as mães se lembrassem de que seu nervosismo frequentetemente resulta do excesso de trabalho físico ou mental. Talvez a mãe não possa diminuir suas obrigações nem remover a causa de seus aborrecimentos. No entanto, ao ir pôr o nené na cama para seu sono durante o dia, deve procurar descansar também, nem que tenha só dez minutos disponiveis.

Boa disciplina a mãe poderá ter, tratando a criança como sua amiga, deixando-a compreender que alí está para ajudá-la, orientá-la, ensiná-la e não para governá-la.

Sempre que for possível, deve substituir ordens por sugestões, como por exemplo: *Isso não se põe na bôca, machuca* ao invés de *Tire isso da bôca*, devendo lembrar-se de que muito influe o tom da voz.

Bem fácil seria evitar os *não* e os castigos, se tão sòmente as mães se dessem ao trabalho de desviar a atenção da criança. Conheci uma senhora que tinha na última prateleira da cozinha alguns pratos e utensílios quebradiços. O garotinho, que já sabia andar, tinha prazer em mexer naquilo. A mãe zangou, deu-lhe umas tapas, mas êle, teimoso, insistia. Que fez então? Enquanto o espôso saiu da cozinha com o menino, ela tirou tudo da prateleira e colocou uma colher de pau, uma caixa vazia, tampas de panela e outros utensílios igualmente interessantes e com os quais êle podia brincar. Quando voltou foi direitinho à prateleira mas distraiu-se com o que alí estava, já nem se lembrando do que havia antes. As mães precisam descobrir os recursos mais eficientes para lançar mão dêles. A repetição constante de ameaças torna-as sem valor.

Fazer todo o possível para evitar cenas, faz parte da boa disciplina. Quando uma criança à mesa não quer mesmo comportar-se basta levá-la ao quarto e sem barulho nenhum mandá-la ficar aí até resolver obedecer. E' o bastante. Não havendo auditório, não haverá graça em se debater e fazer-se rebelde.

Pode com igual resultado fazer a criança deitar e descansar, explicando que seu nervosismo é por falta de descanso, mas nunca mandá-la dormir como castigo.

Ao pôr o filho na cama, é aconselhável a mãe falar-lhe mais ou menos assim: *Quando você acordar, benzinho, mamãe vem buscar você* ou *Fique quietinho e durma que depois mamãe vem cobrir o filhinho*, pois assim a criança se sentirá amparada. Conheci uma menina de sete anos que morava com a mãe num apartamento. Certa noite, demorando-se mais a mãe para vir, a menina foi deitar-se, deixando sôbre a mesa um bilhetinho com êstes dizeres:

"Mamãe, quando a senhora chegar, dê um beijinho em mim" e assim ela dormiu certa de não estar abandonada. Inúmeros são os modos de despertar a confiança que os filhos devem depositar na mãe e esta por sua vez deve fazer-se merecedora dela.

Muitas mães cometem o êrro imperdoável de escapar dos filhos já grandinhos, com a seguinte desculpa: *"Corta-me o coração sair, deixando-os tão tristes..."* Mas será que o coraçãozinho dêles não se despedaça ao se descobrirem enganados? (Com certeza o caso nunca foi analisado sob êste prisma). Bem melhor seria dizer: *Mamãe vai à cidade e quando voltar, trará isto ou faremos aquilo, etc.*

Evite dizer o que tão frequentemente se ouve: *"Quando seu pai vier, você vai ver..."* Nada disto. E' a mãe que precisa saber ser enérgica. Ela é que passa a maior parte do dia com as crianças e não pode deixar de ser obedecida, procurando fazê-los entender a razão de ela querer dêste ou daquele modo e incentivando a cooperação e boa vontade.

Disciplina não quer dizer castigo.

Tôdas as mães devem esforçar-se para serem pacientes. Devem observar as crianças e observar-se, a si próprias, também.

Se do que foi dito puderem chegar à conclusão de que não são perfeitas, já será um passo dado para obter uma obediência menos imperfeita por parte dos filhos. E, reconhecendo sua imperfeição e incapacidade, *"peçam sabedoria a Deus que a todos dá liberalmente"*.

O Gatinho Perdido

Era uma vez um gatinho cinzento que andava perdido na Avenida Celso Garcia.

"Miau, miau, miau! chorava o gatinho e corria atrás dos transeuntes. Era 2.ª-feira de manhã.

Êle seguiu o leiteiro, o verdureiro e o carteiro, mas nenhum dêles lhe deu atenção. Acompanhou os homens que se dirigiam ao seu serviço e também as crianças em caminho da escola. Foi miando atrás das mulheres que iam à feira, mas todos estavam ocupados demais para compadecer-se do bichano.

Então o gatinho pôs-se a seguir um menino que subia e descia a avenida, brincando com seu patinete. Era Orlando. Ora, Orlandinho tinha apenas cinco anos e não era tão ocupado como os outros.





Parou então com o patinete e, acariciando o animalzinho, disse:

— Que gracinha de gato, de onde você veiu?

Mas o gatinho só sabia dizer:

— Miau, mi-au!

Brincaram juntos a manhã tôda, Orlando no patinete e o bichano correndo ao seu lado. Mas Orlando não sabia que êle estava perdido.

Ao meio dia, quando seus irmãos voltaram da escola, mamãe chamou:

— Orlando, almoçar.

— Já vou indo, respondeu. E correu para casa.

E o gatinho? Pois correu também e tão depressa que Orlando não pôde fechar a porta em tempo.

— Barbaridade! exclamou a mãe. Orlando, onde você achou êsse gato magro?

— Mas não o achei, mamãe; êle é que me achou.

— Mi-au, mi-au, mi-au, miou êle, sentindo o cheiro da comida.

Perceberam então que estava perdido e com fome.

— Coitadinho!

Todos se compadeceram e cuidaram muito dêle. Em poucos momentos, porém, estava com a barriguinha cheia. Já não miava; rosnava apenas de satisfação, prrrrrr-prrrr!

— Mamãe, a senhora me deixa ficar com o bichaninho? perguntou Orlando. Cuidarei muito dêle. Quero dar-lhe um nome bem bonito — Setim.

— Mas já deve ter nome.

— Que pena! disseram as crianças.

Então que vamos fazer? perguntou Jairo, o mais velho.

— Acho melhor, depois das aulas, vocês irem falar com o delegado que saberá dizer se alguém o perdeu; se não souber, ficaremos com êle.

De volta da escola foi grande o alvorôço das três crianças para pôrem o gatinho numa cesta e levá-lo à delegacia.



— Em que lhes posso servir? perguntou logo o delegado.

— Orlando achou um gatinho, explicou Jairo.

— O gatinho é que me achou, senhor.

— E nós o trouxemos, disse a irmã, tirando-o da cesta e pondo-o sôbre a escrivaninha.

— Bem, bem, vou então ver no livro quem perdeu algum gatinho.

E, virando as páginas, foi lendo:

Perdeu-se um gatinho listado, chamado Mimí. Gratifica-se a quem o entregar na agência do correio à Sra. Camargo.

Perdeu-se um gatinho de patas brancas, chamado Ratoeira. Gratifica-se a quem o entregar na Drogaria, rua Bresser, 34, à Snra. Nogueira.

Perdeu-se um gatinho chamado Florzinha, branco e cinzento. Entregar à Snra. Campos, no empório à rua Catumbí, 27. Será gratificado.

— Parece, continuou o delegado, que se perderam muitos gatinhos nestes últimos dias. Examinando bem aquele, notou que tinha listas, patas brancas e era branco e cinzento. Então chamou: *Mimí, Mimí!* Mas o gatinho não atendeu. Experimentou então: *Ratoeira, Ratoeira,* mas não foi atendido e nem quando chamou *Florzinha, Florzinha.*

— Bem, o melhor é telefonar a estas pessoas que venham vê-lo e, se for êsse, você terá direito à gratificação.

A Snra. Camargo foi a primeira a chegar.

— Êste é Mimí. Ganhei-o de minha irmã segunda-feira passada e quarta desapareceu.

Em seguida chegou a Snra. Nogueira, que logo ao entrar foi dizendo:

— Sim, é a minha Ratoeirinha.

Apareceu na Drogaria quinta-feira, mas desapareceu na sexta.



Não demorou a chegar a Snra. Campos.

— Olhe a Florzinha fujona! Ela apareceu no empório sábado e no domingo já não estava mais em casa!

— Muito, muito bem, disse o delegado, esfregando as mãos e rindo. Então as senhoras encontraram seu gatinho. Agora, Orlando, pode receber suas gratificações e eu posso riscar os três anúncios.

— Mas o gatinho é o mesmo, disse a primeira.

— E' um gatinho só, disse a segunda.

— E para quem vai ficar? perguntou a terceira.

— Eu gostaria tanto que fôsse meu, até já lhe dei o nome de Setim. Jairo esclareceu mais.

— E mamãe disse que podiamos ficar com êle se não tivesse dono.

— Mas tem três, disse o delegado.

— Bem, eu queria um gato para me fazer companhia, mas dou o meu ao Orlando como gratificação, disse a Snra. Camargo.

— E eu queria um gato para pegar ratos, mas dou o meu ao menino como gratificação, disse a Snra. Nogueira.

— Pois eu queria um gato para me ajudar a cuidar do empório, mas dá-lo-ei ao menino como gratificação.

— Está resolvido o caso, disse o delegado, enquanto escrevia *Encontrado* adiante dos três *Perdeu-se.*

Orlandinho agradeceu muito às

três senhoras e satisfeito voltou para casa com seu irmão, sua irmã e *seu* gatinho. Cuidava muito dêle e Setim não fugiu mais. Seu nome inteiro era Setim Mimí Ratoeira Florzinha.

Alí passou o ano todo. Já Orlandinho tinha seis anos e Setim não era mais um gatinho, mas um bichanão.

Foi no mês de setembro, à hora do almôço que Orlandinho deu pela falta de Setim.

— Setim, Setim, pschi, pschi...

Mas Setim não aparecia.

Orlandinho deu uma busca pela casa e foi encontrá-lo na cesta debaixo do fogão, com três gatinhos, todos encolhidinhos perto da mãe e a mãe *era Setim!* Um gatinho era listado e recebeu o nome de Mimí; outro tinha as patinhas brancas e foi chamado Ratoeira, e o outro Florzinha por ser branco e cinzento. Orlandinho teve uma idéia! Cuidou dêles com todo o desvêlo e quando já estavam crescidinhos, no ponto de deixar a mãe, Orlandinho pôs os três numa cesta e, acompanhado do irmão e da irmã, desceram a avenida Celso Garcia.

Pararam primeiro em casa da Snra. Camargo e lhes deram Mimi para companheiro. Pararam depois na drogaria e deram à Snra. Nogueira a Ratoeirinha e no empório deram Florzinha à Snra. Campos para fazer-lhe companhia.

Tôdas ficaram muito contentes, pois nenhuma havia pensado em receber tal presente, mas, sem dúvida, o mais satisfeito era o Orlandinho.



A T E N Ç Ã O

Com o número de março começaremos a publicação da história : *O Maravilhoso Mágico de Oz.*

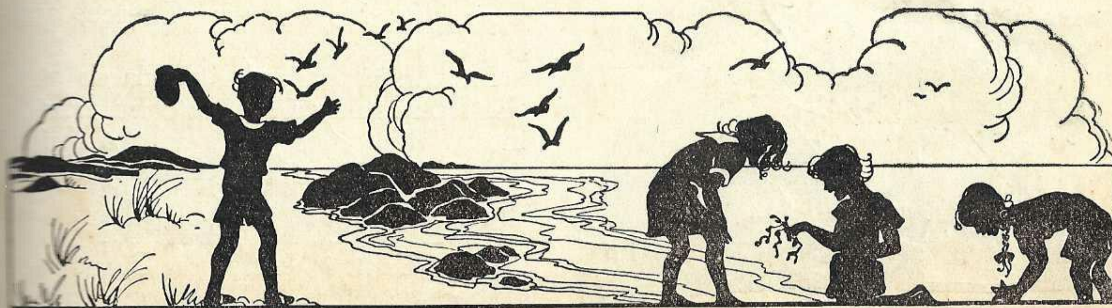
Êste conto já apareceu nas páginas do Bem-te-vi, há doze anos, e as crianças que nessa ocasião o leram, acharam-no deveras interessante ; a prova disso nós a temos nos pedidos que acabamos de receber para publicá-lo novamente.

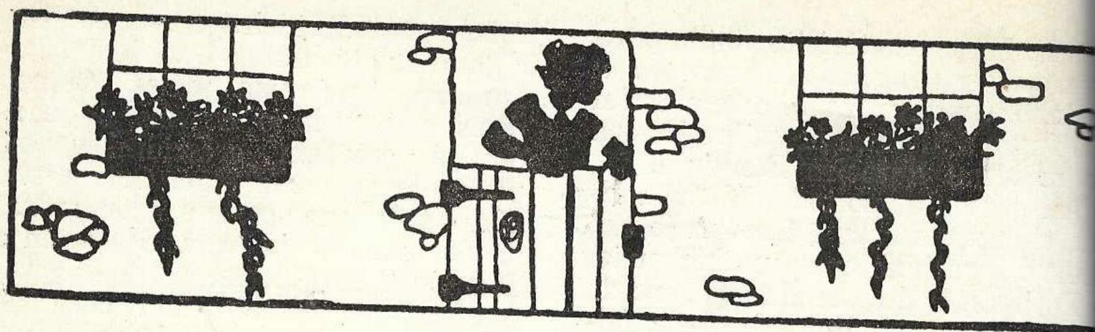
Cuidado, pois, os bem-te-vistas com a sua assinatura para não perder a oportunidade de ler uma boa e extraordinária história.



PRECISAM-SE! MENINOS PARA SEREM —

Corajosos como Josué.
Confiantes em si como Neemias.
Obedientes como Abraão.
Perseverantes como Jacó.
Resolutos como Moisés.
Retos como Daniel.
Misericordiosos como Daví.
Piedosos como Elias.
Ousados como Pedro e
Para andar com Deus como Enoc.





O cavalheiro desconhecido

CLARICE QUE NUNCA PENSOU EM SER PRINCESA,
★ ENCONTRA UM DRAGÃO E UM HERÓI. ★

A manhã era calma, alegre e fresca ; o campo amanhecera coberto de flores aínda orvalhadas e lindas borboletas voejavam aquí e alí.

Clarice pegou seu livro de contos e, sentando-se na antiga cadeira de balanço, pôs-se a lê-lo. Vovó, com seu avental branco descascava ervilhas ao lado. Não havia barulho algum excepto o zunir de abelhas, o som dágua fervente numa chaleira e o cair das ervilhas na tigela.

Clarice de repente fechou o livro e levantou-se, com o rosto em fogo.

— Vovó, a senhora nunca teve vontade de que os contos de fada fôssem reais ?

— Ora, minha filha, eu não. Você queria ?

— Demais, suspirou a neta. Fico triste ao pensar que nunca poderei ser uma Princesa e andar numa floresta Encantada.



Vovó riu com vontade.

— Sabe, Clarice, acho que voc com êsse vestidinho côr de rosa ter ares de princesa. Se quiser, pode at ir dar um passeio pela floresta. Quando sua mãe era de sua idade, gostav muito de fazer conta que aquí era a floreta Encantada.

— Mas o fato é que não é, respondeu Clarice desconsolada. Se fôsse verdade, eu queria ser uma princesa salv dum dragão feroz por um Princip Valoroso.

— E' isso que você leu há pouco ? Vovó sorriu.

— Isso mesmo. E a Princesa lhe deu uma linda flor e viveram felizes para sempre. Mas agora nem cavalheiros não existem mais, murmurou Clarice.

— Como não ? Há sim ! declarou vovó.

— Há mesmo ? repetiu Clarice admirada. A senhora conhece algum ?

— Conheço. E' jovem aínda. Êle é valente, bondoso e gentil — e já matou três dragões !

— Céus ! exclamou Clarice, arregalando os olhos.

Nesta sua visita à fazenda da vovó ela esperava ver muita coisa nova e interessante, mas nunca um *cavalheiro* !

— Quem é ? perguntou cheia de curiosidade.

— E' o Bento, respondeu vovó.

— O *Bento ?* exclamou Clarice. A senhora se refere ao Bento que ajuda o

BEM-TE-VI

vovô? Mas êle não passa dum caboclinho!

— Mas é também um cavalheiro, disse-lhe vovó. Seu pai morreu no ano passado, deixando-o sòzinho com a mãe. Bento quasi ficou desesperado, pois adoecera a mãe e não tinham dinheiro. Mas êle foi ativo. Arranjou aquí êste trabalho para fazer depois das aulas e durante as férias. Tem ganho o suficiente para tratar da mãe. Por aí você vê que êle venceu três dragões terriveis — *doença, pobreza, e mêdo!*

— Só?

E o rosto da menina se anuviou.

— Já é muito para um menino de sua idade, disse vovó com eloquência. Você deve lembrar-se, minha filha, que nem todos os cavalheiros usam penachos ou armadura.

Clarice, levantando-se, disse:

— Oh! Mas não é como os contos de fada, disse desapontada. O melhor é eu ir passear pela floresta e *imaginar* aventuras.

— Então leve esta cestinha para encher de amoras; assim, teremos uma boa sobremesa à tarde.

— Com todo o gôsto! Deve ser muito agradável comê-las frescas, disse Clarice.

— Não é melhor trocar de roupa? Amora mancha...

— Eu prometo tomar cuidado.

— Está bem. Mas ande só pela floresta. Não pule a cêrca que dá para o pasto. O gado do Snr. João pasta alí e é muito perigoso.

— Sim senhora. Até-logo.

E Clarice saiu.

— Caso você perca o caminho, grite bem alto que o vovô escuta. Êle e o Bento estão trabalhando lá na cêrca.

— Sim senhora.

Clarice andou bastante, atravessou uma ponte, passou pelo campo e afinal, entrou na floresta.

Como tudo parecia quieto! As árvores uniam suas copas e pássaros, pulando dum galho a outro, chamavam pelo companheiro. Foi andando, andando, até que encontrou as amoras. Chupou bastante. Como eram gostosas! As amoreiras cresciam pela cêrca. Estavam carregadinhas, mas as melhores e mais bonitas estavam picadas pelos pássaros.

No entanto, as mais lindas estavam do outro lado.

"Vou trepar para alcançar algumas", pensou ela. Encontrando, porém, uma boa passagem, varou do outro lado. Oh! Quantas havia! Num instantinho a cesta estava cheia.

"Agora vou voltar. Vovó vai ficar admirada de minha esperteza".

Virou-se, mas parou. Onde estava? Não via mais a passagem. Desesperada procurou por todos os lados. Viu lá, bem ao longe, o telhado vermelho da casa de vovó. Criou vida nova. Não sabendo, porém, voltar pelo mesmo caminho, resolveu atravessar o pasto. Era mais fácil. Ansiosa por mostrar as frutas à vovó saiu a passos largos. Ouvindo um barulho de martelo do lado da cêrca, procurou descobrir o que era. Lá estavam o vovô, Bento e Diamante, o velho cavalo, pastando perto.

"O *cavalheiro*!" repetiu Clarice, olhando-o com ar zombeteiro. E continuou sua marcha.

De repente ouviu outro barulho; parecia um berro exquisito. Seu coração começou a pular de mêdo. Que seria? E ela viu um touro preto, enorme, formidável, dando pulos no chão.

Um touro! Então era aquele o pasto do Snr. João, de que lhe falara vovó! Não era preciso que Bento gritasse para que ela compreendesse o perigo. Largando a cesta de amoras, desatou a correr em disparada, mas, tropeçando num tôco, caiu de barriga; tentou levantar-se mas caiu novamente, dando mau jeito no pé.



A mais não se lembrou de nada, se alí ficou muito tempo ou não; só um pensamento a preocupava — veria aínda a mamãe e o papai ?

Viu Bento vir correndo em seu socorro, gritando e agitando os braços.

O touro girava, batia o casco no chão e de repente investiu contra a menina. Na mesma hora chegou o vovô e levou-a para casa.

— Mas Bento ? Que é de Bento ? indagou Clarice logo que passaram para o outro lado da cêrca e estavam fora de perigo.

Vovô riu e disse :

— Não se aflija por êle, meu bem. Nada lhe aconteceu. E' que os touros gostam de correr atrás de figura em movimento ; então Bento chamou de propósito o touro atrás de si para dar tempo de eu pegar você.

— Mas onde êle está agora ?

— Oh ! Pois êle coreu em direção da cêrca, levando para lá o bichão e trepou nela. Está salvo. Viu ? Pronto, ai vem êle.

Sentando-se na cama, aínda muito abatida, Clarice viu o menino entrar apressado, pálido e ansioso, mas ileso.

— Oh ! Bento, Bento ! exclamou a menina. Você me salvou ! E eu estava tão assustada ! Tão assustada !

— Você agora já está boa, filhinha, disse-lhe o avô carinhosamente. Seu pé não está destroncado, apenas com mau jeito. Se você quiser ir para sua casa ver mamãe, poderei montá-la no Diamante e Bento irá levá-la.

— Olá, estou contente que você não está machucada, disse Bento.

Ajudou-a subir no cavalo e êl[e] na garupa.

— Acho que fiquei tão assus[t] como você, disse êle.

— Mas você foi valente ! decl[a] Clarice, já a caminho. Você foi [m] tíssimo valente !

E de repente parou de olhos regalados. As palavras afluiram-lh mente.

"Então o cavalheiro valoroso ergue no cavalo preto e juntos atravessar a Floresta Encantada, salvos afinal dragão perverso.

— Então, *Bento*, você até parece cavalheiros dos livros de fadas, [q] salvaram princesas dos dragões [e] fúria.

— Ora, Clarice, nunca pensei [q] alguém pudesse achar tal semelhan[ça] respondeu o menino, rindo mas [u] tanto envergonhado com o elog[io].

— Mas você é ! exclamou [e] enfàticamente. Você me salvou [—] você, hein ! Queria dar-lhe algum coisa em sinal de gratidão.

Bento não pôde deixar de rir.

— Então quando chegarmos à ca[sa] você me dá um sanduiche, pois est[ou] morrendo de fome.

— Pois não! disse ela. Um sanduich não era exatamente uma flor, mas ta[l] vez Bento desse preferência a êle.

Clarice acabava de ter a confirma[ção] de que êle era realmente um me[nino] cavalheiresco e um amigo [d]e quem se podia orgulhar, exatament[e] como a vovó lhe havia dito. Seri[a] seu companheiro para as férias da quele ano.

"E assim êles viveram sempre felizes"

O briguento que deixou de brigar



Já estava quasi na hora de começar a aula, mas Naor, indiferente a tudo, estava absorvido em tocar "O Sole Mio" em sua gaita.

De repente foi interrompido pelos gritos de dois rapazinhos, Nico e Quinzinho, que passaram correndo.

"Naor, Naorzinho, pensa ter graça
Fazendo barulho bem lá na praça".

— Olhem aquí, moleques, parem com iss[o] exclamou Naor, fazendo-lhes cara de mete[r] mêdo. Êles, entretanto, chegaram salvos à escola, pois sabiam que Naor teria, antes de correr, o cuidado de guardar sua preciosa gaita de modo a não cair.

— Êle fica louco de raiva quando ouve isso, falou Nico.

— Pois foi como ficou agora, respondeu Quim.

Naor tinha um gôsto todo especial para lutas. Embora franzino de corpo, batia todos, altos, gordos, de qualquer tamanho. Nada, porém, o injuriava tanto como ouvir aquele versinho:

"Naor, Naorzinho, pensa ter graça,
Fazendo barulho bem lá na praça!"

Chamar sua música de barulho! Desaforo! Inda mais que todos sabiam ser êle o que melhor tocava no grupo! Em todos as festinhas êle é que era o escolhido para tocar um solo e dirigir o grupinho que tocava.

A maior iestividade escolar era por ocasião da iormatura. O iim do ano se aproximava e grande era o movimento entre a criançada. Como Naor também ia terminar o 4.º ano, queria cobrir-se de glória antes de entrar no ginásio.

Êste dia tomou teição tôda particular por causa do ensaio da música. D. Luiza, a professora, disse a Naor que êle melhorava dia a dia. Era por isso que assobiava satisfeito enquanto vendia jornais.

Mas ao sair da escola Nico e Quinzinho já o esperavam com o versinho picante:

"Naor, Naorzinho, pensa ter graça,
Fazendo barulho bem lá na praça".

Não ticaram satisfeitos êstes dois meninos por haverem amolado o Naor já uma vez. Mas Naor avançou neles com tôda a túria. Justamente nessa hora o diretor, Snr. Morais, descia a escada; ao ouvir, porém, os gritos dos meninos, dirigiu-se a êles:

— Escute, Naor, pare com isso! ordenou. Já não lhe tenho talado que largue mão de lutar? Que signitica você abusar assim de dois menores?

Nico e Quinzinho ao lado, olhavam vitoriosos.

— Êles caçoaram de mim, desculpou-se Naor.

— Bem, já tentei tudo para evitar que você brigue, disse o diretor em tom de zanga. Agora, Naor, escute bem o que vou dizer. Ouça o meu *ultimatum.*

Naor não tinha a mínima idéia do que vinha a ser essa palavra, mas parecia ser coisa séria.

— Eu que ouça de mais uma briguinha sua e — escute bem, Naor — e você deixará de tocar no *"chôro"*, para sempre. Entendeu bem?

Durante o resto daquele dia enquanto vendia jornais, ressoavam-lhe aos ouvidos as palavras do diretor. Sair do "chôro", — ora, êles não tariam nada sem Naor para guiá-los! Ainda no dia seguinte e por tôda a semana Naor se lembrou do que lhe estava reservado se fechasse o punho para alguém e conseguiu dominar-se, embora o irritassem muito.

Todavia as palavras do diretor toram-se lhe apagando da memória com o passar dos dias e logo a palavra "ultimatum" caiu em completo esquecimento.

— Um novo aluno entrou para a escola.



Era Leôncio, um convencido, que não olhava com bons olhos o Naor por ser pobre mas valente e bom na gaita.

— Lá vai o valentão sabido, gritou Leôncio certo dia, quando esperavam bater a campaínha. Sòmente os bobos é que andam com êle.

Naor ficou turioso.

— Ah! Vou mostrar-lhe se sou mesmo valentão! E pulou em Leôncio que era bem maior e mais forte. Tão possesso estava que, só largou dêle ao ver sangue escorrer-lhe pelo rosto.

Justamente então apareceu o diretor em seu passeio diário pelo recreio. Ao ver o estado em que se achava Leôncio e o ar triuntante de Naor, estacou aborrecido e depois disse:

— Você se lembra do que lhe prometi, Naor? Não toca mais.

— Êle me chamou de valentão, gritou Naor.

— Ah! Já sei, você tem sempre uma desculpa ou outra, disse tristemente Snr. Morais. Mas seja como tor, o que eu disse está dito.

— Por caridade, snr. Morais, desculpe-me, por esta vez, implorou Naor. Não brigo mais, palavra de honra.

— Chega de desculpas, respondeu o diretor. Acabo de crer que você é um covarde, isso sim. Só um covarde é que vai de cá para lá, brigando com quem encontra.

Chamá-lo de covarde, a êle que se considerava o melhor lutador da escola! Era por demais triste!

— Eu hei-de lhe mostrar, resmungava Naor entre lágrimas, enquanto caminhava para um canto do recreio onde pudesse chorar até se desafogar.

Os dias que se seguiram foram extremamente difíceis para Naor. Constantemente vinha-lhe a lembrança da festa que iria realizar sem o seu concurso. Embora a notícia da sua valentia e castigo se espalhasse pela escola tôda, nada contou em casa.

No dia da festa Naor vestiu sua melhor roupa e, acompanhado dos pais, dirigiu-se ao grupo ; estavam ansiosos de ver o filho no palco. Por dias vinham falando aos amigos e vizinhos sôbre a parte importante que seu filhinho Naor ia tomar. Como explicar sua ausência do chôro, era coisa que pouco o preocupava, pois Naor nunca pensava no que ia acontecer um minuto depois do presente.

Enquanto o pai e a mãe de Naor entravam orgulhosos e satisfeitos no salão nobre, Naor entrou por uma portinha debaixo da escada, que dava para o palco. Dalí veria bem os que iam tocar, pois embora não fôsse tomar parte, reconhecia seu dever estar perto.

Antes, muito antes, de erguer o pano, já o salão estava cheio de papais e mamães, irmãos e irmãs, curiosos todos e com grande interêsse.

Afinal o programa começou : bailados, cantos e recitativos, cada número recebendo grande salva de palmas.

De seu esconderijo, espiando pelo vão da porta, Naor viu que o grupinho se preparava para o primeiro número do chôro. Agora via-os marchar para o palco e levar a gaita à bôca. Lá devia êle estar, risonho (pois tinha nisso prazer imenso) à frente dos meninos, mas ao invés alí estava atrás da porta, encolhido e fora de seu lugar. Oh ! era realmente duro de suportar. Naor aprumou os ouvidos para as primeiras notas do tão conhecido "O Sole Mio" e temia não suportar ouvir tocar.

Mas a música não saia. Ao invés percebeu que a porta sacudia levemente e sentiu-se balançar. Compreendeu imediatamente. Um tremor de terra !

Lá no salão nobre mulheres gritavam, crianças choravam, homens se levantavam, todos assustados.

— Sentem-se, sentem-se todos, berrava o diretor, pois já não havia nenhum perigo, mas o povo, naquele pânico, nem lhe ouvia as palavras.

"Os meninos deviam tocar" pensou Naor, "para acalmar o auditório uma vez que já estão no palco".

Mas é que êles também estavam tom[...] de mêdo e além disso, como tocar sem a [...] direção? Naor bem conhecia a capacid[...] dêles.

E, sem saber como, resoluto, subiu [...] degraus para o palco.

— Vamos! Toquem meninos! Começ[...] ordenou êle, principiando em seguida, c[...] tôda a fôrça as primeiras notas da mar[...] "Cidade Maravilhosa". Pouco a pouco [...] a influência de Naor, os meninos foram-[...] acalmando. Terminada a marcha, recom[...]çaram-na e gradualmente o povo sossego[...] vendo que na verdade o perigo era passad[...]

Êsse tremor de terra foi o primeiro que [...] professora e muitas outras pessoas prese[n]ciaram.

Naor nunca antes tocara tão bem. For[a]m aplaudidos a mais não poder. Naor sa[...] apressado mas com o coração transbordan[do] de felicidade.

Ao descer a escada, encontrou com o di[...]retor.

— Naor, estou orgulhoso de você ! Su[a] habilidade e sangue frio nos livraram du[m] fiasco esta noite ! Você foi um verdadeir[o] herói !

Naor desculpou-se num acanhamento agra[...]dável. Como os grandes são exquisitos [...] Primeiramente, um covarde, depois um herói [...] Todavia, sentiu-se bem, recebendo parabens de todos os lados. Nos dias seguintes Naor pensou, meditou, refletiu e pesou sua vid[a] mais do que nunca. Ficou ajuizado.

Depois disso Nico e Quinzinho ouviram falar tanto bem a respeito de Naor que, encontrando-o justamente uma semana depois, acharam por bem humilhá-lo um pouco.

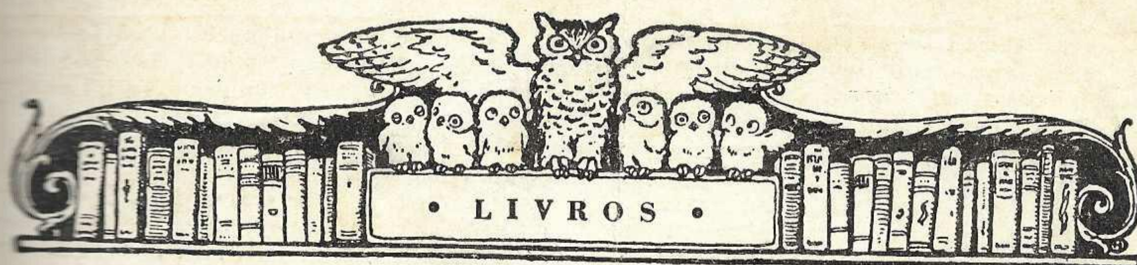
"Naor, Naorzinho pensa, ter graça,
Fazendo barulho bem lá na praça".

Gritaram o versinho picante e dispararam, virando-se às vezes para ver o que Naor faria. Os olhos de Naor fuzilaram, mas sorriu desprezìvelmente.

— Bobinhos, não tenho tempo para desperdiçar com vocês. Tenho muito em que pensar.

E com passos firmes desceu a rua, vendendo alegremente seus jornais.



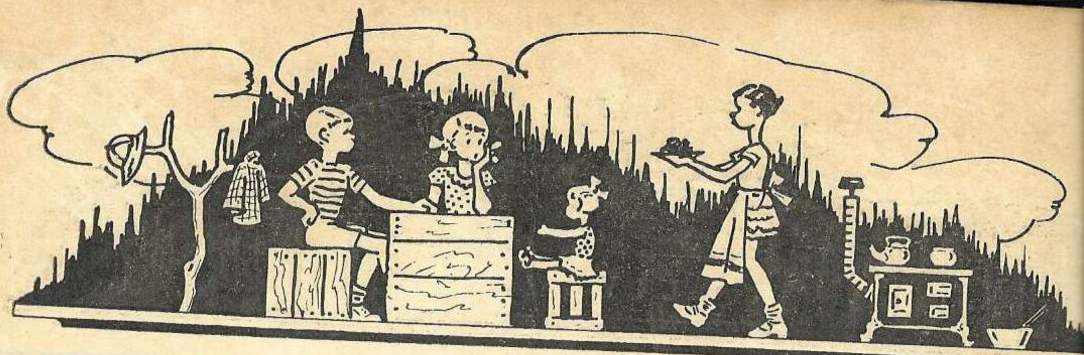


quem é que sabe?

1) Completar : *O coração do justo medita o que há de responder, mas a bôca dos ímpios. . .*
2) Quem inventou o pára-raios ? Qual a profissão de seu pai ?
3) Que barqueiro chegou a ser papa ?
4) Que fazia o pai do celebérrimo astrônomo Copérnico ?
5) Qual o sábio francês que começou por ser vidraceiro ?
6) Um trabalho por ser humilde deshonra a pessoa ?
7) Que exclamação proferiu Frederico o Grande, rei da Prússia, ao ver-se sentenciado ?
8) Tales foi o primeiro a desenhar que espécie de mapa ?
9) Citar um animal que tem rabo apenas quando novo.
10) Que nome se dá aos animais como o sapo, que nem são peixes nem reptís ?
11) Que é que mora nágua e se parte de sêde ?
12) Quais são os nossos amigos mudos que ensinam, aconselham e repreendem ?
13) Quais os assinantes do Bem-te-vi que já renovaram sua assinatura ?
14) Qual o alimento que passa a ser parte de nosso corpo, se lhe trocarmos uma letra ?
15) Qual o rei que comeu hervas como os bois e em cujo corpo cresceu pêlo como penas da águia e unhas como as das aves ?

Respostas às perguntas de Janeiro :

1) *fortalecerá o teu coração ; espera, pois no Senhor.*
2) Castro Alves.
3) No lago Lauricochi, no Perú.
4) Sapatos.
5) Em Monte Santo, no sul da Grécia.
6) E' uma espécie de galinha existente no Japão, na ilha Shikoku, e cuja cauda, mede 3 metros e meio.
7) Demóstenes.
8) Moisés, o legislador dos judeus.
9) Pegada — (adj,) particípio pass. do verbo pegar ; pègada — (subst.) sinal, rasto.
10) Guano — adubo de terras feito de excremento de aves aquáticas e que se encontra no Perú.
11) Minuano — vento frio e sêco que sopra no R. G. do Sul depois das chuvas no inverno.
12) Parônimas.
13) O planalto de *Pamir*, no Turquestão.
14) Oito quilos.
15) O mais forte, Sansão ; o mais sábio, Salomão.



A Cozinheirinha

A mãe de Lúcia, coitada,
de trabalhar, dia a dia,
sentiu-se fraca, exgotada,
e, de noite, em febre ardia.

Mas de manhã, bem cedinho,
do sol ao lindo clarão,
para o café do paizinho
estava aceso o fogão.

E enquanto a mãe descansava,
foi Lúcia para a cozinha,
e com zelo preparava
um pirão de batatinha.

Trabalhando com cuidado,
cingida de um avental,
limpa o feijão reservado
para o almôço do casal.

Levantando-se a mãezinha,
e o paizinho regressando,
vão achá-la na cozinha,
a refeição terminando.

Louvam da filhinha a argúcia,
comendo a não poder mais,
e o bom trabalho de Lúcia
fez a alegria dos pais.

